# Fontes iniciais da filosofia analítica - 30/07/2022

\_Funda a filosofia analítica em Russell, destacadamente, e Moore\*\*[i]\*\*\_  
  
Nesse capítulo introdutório, Schwartz finca as bases da filosofia analítica em  
Russell e Moore, com destaque também para Frege e Wittgenstein, que têm como  
principais pontos a recuperação do clássico empirismo britânico (mas  
corrigindo-o), a invenção da lógica simbólica e a repulsa ao idealismo  
hegeliano. Além disso, Schwartz passa pela filosofia da linguagem, mas com uma  
abordagem muito lógica e distante da linguística. Enfim, é um passeio inicial  
nessa visão positivista que tanto influenciou a filosofia do século XX até os  
nossos dias.  
  
Schwartz destaca o pioneirismo de Frege, mas que foi popularizado por Russell  
nos Principia mathematica (com Whitehead) e que expõe a nova lógica simbólica  
que influencia, por exemplo, Kurt Godel e posteriormente a computação e o  
estudo da linguagem. Então, a lógica matemática pode resolver a questão  
deixada em aberto pelos empiristas que é “Como é possível a matemática  
pura?”[ii]. Conforme Schwartz: “Russell não podia aceitar o “empirismo puro” –  
a ideia de que todo o conhecimento é derivado da experiência sensorial  
imediata...” (p. 11) e que levaria ao ceticismo, senão solipsismo. Bem, isso  
mostra a faceta racionalista de Russell, quando diz que o “empirismo  
tradicional é um erro e que há um conhecimento \_a priori\_ e universal”, mas  
que o leva a ter de explicar a independência empírica, digamos assim. Para  
esse fim, Frege e Russell reconceitualizam a matemática pelo uso da lógica  
simbólica que trata a lógica matematicamente e a matemática como uma forma de  
lógica. Isso permite responder a questão deixada em aberta por Kant e não  
explicada pelos empiristas e que aponta para uma matemática analítica.  
  
Ora, se Kant estabeleceu que “7 + 5 = 12” é sintético a priori, Frege procura  
mostrar que a aritmética pode ser deduzida da lógica pura. Mas os idealistas  
tinham a geometria como uma fortaleza, segundo Russell, pois com validade  
independente da experiência ou mesmo a questão relacionada à infinitude dos  
números primos não possível de prova via teste empírico. Há uma solidez  
matemática racionalista já que as proposições matemáticas, se independentes da  
experiência, são necessariamente verdadeiras e oriundas da razão pura.  
Entretanto, ao mesmo tempo, tal conceituação abre as portas metafísica,  
ontologia, etc., e para a falência do empirismo. É aí que o logicismo de  
Russell visa mostrar que a matemática pura é um prolongamento da lógica  
dedutiva e que não há proposições sintéticas a priori; toda a matemática  
poderia ser derivada da pura lógica, em um trabalho gradual. Poder-se-ia  
partir dos postulados de Peano, demonstrar que são puramente lógicos e, daí,  
com base analítica para a matemática. Mas, ao mesmo tempo, leva Wittgenstein a  
mostrar que a matemática é toda tautológica. Isso desmistifica não somente as  
verdades matemáticas como também o uso racionalista das verdades da religião  
ou da metafísica[iii].  
  
Schwartz também enfatiza a importância da linguagem para o desenvolvimento da  
filosofia analítica. Sua análise se inicia com teoria das descrições definidas  
de Russell, que aparece na obra “Da denotação”, de 1905 e que se baseia em sua  
lógica simbólica. Como sabemos, uma descrição definida se destina a selecionar  
(denotar) um objeto, mas pode ocorrer de selecionar algo inexistente, mais de  
uma coisa, etc., e daí que Russell procura mostrar que as descrições definidas  
não denotam de forma isolada[iv], elas não denotam por si mesmas. Isso pode  
ser demonstrado se analisadas logicamente, o que revelará o que está por trás  
de uma descrição enganadora como “o presidente do Canadá é uma mulher” que se  
transforma em “há um e somente um presidente do Canadá e é uma mulher” (a  
predicação "uma mulher" é falsa, e não o caso de que haja um objeto  
inexistente). O uso da lógica simbólica faz com que a expressão não se refira  
a um indivíduo, mas seja uma expressão geral da forma: Ǝx{[Fx & ∀x (Fy ⊃ x =  
y)] & Mx} :: há ao menos uma coisa, no máximo uma coisa e a predicação.  
  
Para além das descrições definidas, Russell desenvolveu uma metafísica com  
base na sua lógica simbólica, conhecida como atomismo lógico. Conforme  
Schwartz, “Russell sustentava que a linguagem, quando totalmente analisada,  
consiste em proposições atômicas e proposições moleculares constituídas delas  
pelas funções lógicas: não, ou, e, se ..., então ...”. Isto é, há átomos  
lógicos que podem ser descobertos pela análise filosófica, um tipo de  
realidade que não pertence a nenhuma outra coisa, mas que são metafisicamente  
necessários. Tanto mundo quanto linguagem tem uma estrutura comum que pode ser  
representada pela lógica simbólica, visão esta que influenciará Wittgenstein,  
mas será negada pela filosofia da linguagem comum.  
  
Por outro lado, a contribuição de Moore é no sentido de uma filosofia do senso  
comum. Schwartz mostra que o positivismo foi uma reação contra a dialética  
hegeliana, que tratava da negação da negação e considerada por eles obscura.  
De acordo com Moore a metafísica hegeliana negava a realidade em prol do  
espírito absoluto, legando o senso comum a mera aparência. Então, Moore visa  
limpar essa crosta filosófica por um apelo à simplicidade do senso comum. Se  
Hegel (e Bradley, contemporâneo de Moore) procurou negar a realidade dos  
objetos do mundo, isso poderia ser configurado como ilusão filosófica. Porém,  
embora influenciando Wittgenstein e a filosofia de Oxford, a proposta de Moore  
do senso comum não teve força suficiente para superar os argumentos tanto de  
céticos quanto de idealistas.  
  
Moore fundamentava a sua filosofia do senso comum nos dados dos sentidos, quer  
dizer, sensações oriundas dos sentidos e privadas de cada pessoa. De acordo  
com Moore, vemos algo, mesmo que não seja o próprio objeto e, segundo ele,  
para saber o que é um dado do sentido basta olharmos para a nossa mão.  
Contudo, Schwartz alerta para complexidade da teoria, já que o senso comum não  
conhece dados dos sentidos e sim os próprios objetos e tal conceito foi  
questionado mesmo por Austin e Wittgenstein. Já Russell tomou por base os  
dados dos sentidos para propor um tipo de conhecimento por familiaridade, mas  
para falar de um objeto usamos o conhecimento por descrição, que é indireto.  
Dados dos sentidos, então, fazem parte daqueles átomos metafísicos da proposta  
russelliana e que, de fato, nos afasta do senso comum.  
  
Essas são, então, resumidamente, as impressões que mais nos chamaram a atenção  
na abordagem de Schwartz sobre os primórdios da filosofia analítica e que  
marca toda uma nova forma de fazer filosofia passando a limpo o idealismo  
alemão e fundando o positivismo lógico que propõe uma junção entre lógica e  
matemática, mas que não deixa de mostrar uma certa tendência de Russell por um  
tipo de platonismo negado pelos positivistas, quando postula certos entes  
metafísicos.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme \_Uma breve história da filosofia analítica de Russell a Rawls\_.  
Schwartz, Stephen P. São Paulo: Edições Loyola, 2017, capítulo 1: Russell e  
Moore.  
  
[ii] Destaque para a citação inicial do capítulo.  
  
[iii] Ficamos com o nem-nem: nem experiência e nem mística. O programa de  
Frege e Russell teve que enfrentar vários problemas, como o da  
autorreferência, mas mostrou que as noções da matemática clássica podem ser  
definidas pelas noções da lógica como “ou”, “se ..., então ...”, “todos...”,  
etc., e foi quase concluído com êxito.  
  
[iv] Repetimos o foco de Schwartz na abordagem da filosofia da linguagem: uma  
que não nos ajuda em nossas competências linguísticas, mas que se vale da  
lógica como ciência do raciocínio e inferências e impacta em muitas áreas e  
domínios. A despeito das descrições definidas, ainda suscitam discussões  
filosóficas, mas é uma alternativa profícua ao postulado de Meinong (anti  
occaminiano).